



e se a universidade fosse nossa? pertencimento, piscina, puteiro, perfis de instagram... e outras coisas com “p”

Neilton dos Reis¹

Resumo: Este artigo é um exercício de experimentação autobiográfica acerca da Educação e sua relação com Pertencimento e corpo. Trago como fundamento teórico da produção autobiográfica enquanto pesquisa os estudos de Gloria Anzaldúa, Pedra Homem e Jota Mombaça. Para pensar a questão do pertencimento, estabeleço um diálogo com bell hooks. E, como disparador, utilizo registros feitos por estudantes da Educação Básica no âmbito de um projeto de extensão em uma Universidade pública no estado da Bahia. Os registros tinham como objetivo responder à provocação: “o que falta nessa Universidade para ela ser nossa?”. A partir de tudo isso, componho uma narrativa autobiográfica que, acredito, nos ajuda a sentir e pensar como a Educação na Universidade, motivada pela Ciência Moderna, tem separado corpo e mente, reservando um lugar de esquecimento, ou sumiço, ao primeiro. Não busco uma análise detalhada de cada registro, mas seguindo o método de bell hooks de compor histórias com conceitos, componho com epistemologias dissidentes um arcabouço de discussões que podem ser instrumentos ao questionamento. Proponho, assim, uma perspectiva ética para a produção científica: a escrita com/sobre/a partir do corpo para para que possamos educar e pertencer.

Palavras-chave: bell hooks. Pertencimento. Autobiografia. Descolonização. Corpo.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2022). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2018). Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com período sanduíche através do programa Ciências sem Fronteiras na Université Lille 1 - France (Bolsista CAPES). Sindicalizado. Desenvolve pesquisa e extensão na área de Educação, com ênfase nos seguintes temas: fazer comunidades; educação e descolonização; arte e escrita; questões de gênero/sexualidade; epistemologias para outras ciências e bio-logias. Escritor e artista visual.

Abstract: This article is an exercise in autobiographical experimentation about Education and its relationship with Belonging and the body. I bring as a theoretical foundation of autobiographical production while researching the studies of Gloria Anzaldúa, Pedra Homem and Jota Mombaça. To think about the issue of belonging, I establish a dialogue with bell hooks. And, as a trigger, I use records made by Basic Education students as part of an extension project at a public University in the state of Bahia. The records aimed to respond to the provocation: “what is missing from this University for it to be ours?”. From all of this, I compose an autobiographical narrative that, I believe, helps to feel and to think about how Education at the University, motivated by Modern Science, has separated body and mind, reserving a place of oblivion, or disappearance, for the former. I do not seek a detailed analysis of each record, but following the bell hooks method of composing stories with concepts, I compose a framework of discussions with dissident epistemologies that can be instruments for questioning. I therefore propose an ethical perspective for scientific production: writing with/about/from the body so that we can educate and belong.

Keywords: bell hooks. Belonging. Autobiography. Decolonization. Body.

Resumen: Este artículo es un ejercicio de experimentación autobiográfica sobre la Educación y su relación con la Pertenencia y el cuerpo. Traigo como fundamento teórico de la producción autobiográfica mientras investigo los estudios de Gloria Anzaldúa, Pedra Homem y Jota Mombaça. Para pensar el tema de pertenencia, establezco un diálogo con los ganchos de campana. Y, como detonante, utilizo registros realizados por estudiantes de Educación Básica como parte de un proyecto de extensión en una Universidad pública del estado de Bahía. Las actas pretendían responder a la provocación: “¿qué le falta a esta Universidad para que sea nuestra?”. A partir de todo ello compongo una narrativa autobiográfica que, creo, ayuda a sentir y pensar cómo la Educación en la Universidad, motivada por la Ciencia Moderna, ha separado cuerpo y mente, reservando para el primero un lugar de olvido o desaparición. . No busco un análisis detallado de cada registro, pero siguiendo el método bell hooks de componer relatos con conceptos, compongo un marco de discusiones con epistemologías disidentes que pueden ser instrumentos de cuestionamiento. Propongo entonces una perspectiva ética para la producción científica: escribir con/sobre/desde el cuerpo para que podamos educar y pertenecer.

Palabras clave: bell hooks. Pertenencia. Autobiografía. Descolonización. Cuerpo.

Comecei a rabiscar na areia.

O meu nome não tem a letra P,

mesmo eu escrevendo um P muito bonito à mão.

Durante o ensino médio li a saga Harry Potter e comecei a escrever o nome das personagens em todo lugar, por distração.

De forma que o P maiúsculo foi ficando muito aprimorado.

Mas meu nome não tem a letra P.

E acho uma pena.

*A última letra do meu último sobrenome é H.
Mas eu não gosto do meu último sobrenome.
(e, de qualquer jeito, meu H é minúsculo)
(XXX, Referência Autoral)*

E se...

Esse artigo é um exercício de escrita que tem como objetivo a discussão e a elaboração teórica sobre Educação e Pertencimento. Para isso, parto de três lugares: as possibilidades de produção de conhecimento tendo como perspectiva a autobiografia; os estudos de bell hooks sobre esses temas; uma atividade de extensão realizada em uma Universidade Pública com estudantes da Educação Básica, onde questionamos “e se a Universidade fosse nossa?”. Assim, antes de me colocar no processo de discussão (Seção 2), cabe uma breve escrita sobre esses três lugares (Seção 1), para que caminhemos na mesma passada. Ao final (Seção 3) elaboro algumas considerações finais.

Autobiografias

Já há algum tempo, defendo que qualquer prática de pesquisa fala, em última ou em primeira instância, da pessoa que propõe. Qualquer produção de conhecimento, aliás. Qualquer saber. Passa-se pelo filtro de uma cabeça, de um tronco, de uns membros, de um corpo e sai. Falando de onde veio. Mas, a Ciência Moderna-Colonial e, talvez, a Educação têm a estranha particularidade de tentar bloquear isso, afastar ou, quando/como não pode, esconder. Só que está ali. Sabe? Feito purpurina depois do carnaval, que demora uns meses pra tirar (e que dá setembro e a gente ainda tá achando em algum canto da casa-corpo). Então, talvez seja bom perguntar: como NÃO escapar disso? Como NÃO criar uma ferramenta para apagar? Como NÃO se esquivar? Como ser apontado? Tenho achado, que é só falando de onde veio mesmo.

Assim, essa pesquisa-escrita opera dessa forma: primeira pessoa, pessoal, desconectada de um exercício convencional de escrita acadêmica. Propositalmente assim. Na tentativa da coerência com o objetivo de conectar Educação e Pertencimento dialogando com bell hooks e estudantes da Educação Básica que, junto comigo, questionaram o que aconteceria com uma

universidade que fosse nossa. Nossa.

Nossa!

Para fazer isso, escolho elaborar compondo com narrativas autobiográficas. Essa escolha epistemológica tem como arcabouço Jota Mombaça (2021), Pedra Homem (2018) e Gloria Anzaldúa (2021).

Contando brevemente, o suficiente para me justificar, Jota Mombaça defende que uma escrita-vida-pesquisa autobiográfica é insistente, “uma postura metodológica indisciplinada [e maliciosa]. Em favor da própria indisciplinada que caracteriza o corpo” (Mombaça, 2016, p. 344). É nessa indisciplinada e malícia que opero esse texto (e outros). Uma indisciplinada com a colonização-publicação, com a colonização-uniformização, com a colonização-ABNT, com a colonização-cânone. E uma malícia com vida-docente, com a vida-imaginação, com a vida-escrita-pesquisa. Crio minhas memórias, construo esse texto e produzo educação e pertencimento.

Porque autobiografia tem a ver com criação e memória. Pedra Homem (2018), em um trabalho construído como um diário escolar, questiona por que um documento como esse não pode ser pessoal e precisa estar em uma planilha. Um diário pessoal e escolar: um se demorar nas palavras e imaginar outros possíveis contornos. Quais deslocamentos esse modo de operar faz em uma pesquisa? Em uma Educação? Um artigo poderia ser assim?

A memória aqui entendida não como algo dado, pronto para ser acessado, mas aquilo que também é imaginado e criado. É também pela invenção narrativa que conseguimos operar com a memória. É um trabalho, um ofício de criação. Não brota ou nasce. Exige se debruçar, investir tempo, palavras, corpo. Se forja. Pedra Homem tornou-se “encarnação das palavras e frases que leio e escrevo” (Homem, 2018, p. 17). Nessa presentificação, a autobiografia se configura como um fazer que cria corpos — seus, com certeza, e, talvez, outros. Um fazer de incorporação que avança. Entendendo seu processo de criação de outras Pedras Homens, questiona “como posso seguir a chamar de “autobiografia”, esse conjunto de eventos que narram momentos de quando estive separado do que fui?” (Homem, 2018, p. 24).

Voltaremos à questão do corpo.

Por fim, encontro em Gloria Anzaldúa a sintetização do fazer metodológico deste artigo: “[escrever] é abrir seu estômago e examinar suas entranhas e dizer às pessoas: ‘esse pedaço

de víscera é sobre aquele tempo e tal e tal coisa aconteceu e está conectada a outras pessoas e ao mundo de tal e qual forma” (Anzaldúa, 2021, p. 169-170). A escrita que estuda suas estranhas é a escrita da pesquisa autobiográfica.

Pesquisa que é feita a partir do questionamento: por que deveria utilizar citações de figuras de autoridade para dizer de minhas experiências? Por que perseguir citações célebres de pessoas que nem chegaram perto daquilo que passou pelo meu corpo? Exclusivamente porque são canônicos? “Eu deveria fazer citação de suas teorias descorporificadas”? (Anzaldúa, 2021, p. 162).

Gloria Anzaldúa corporifica suas *autohistórias* — conceito que utiliza para dizer da relação entre leitoras, escritora e texto. São trechos sobre suas próprias experiências, mas que fazem com que cada leitora traga sua vivência para a história. Trechos que, por afetarem, forçam à implicação. Trechos, aqui, que serão memórias; pensamentos (também autobiográficos feitos por bell hooks); registros de estudantes da Educação Básica; e, por que não?, a cocriação com quem está lendo. Texto de trama movente, que inaugura possibilidades a cada leitura.

bell hooks

Enquanto pensava nesse texto e numa trajetória de pesquisa em Educação, percebi o óbvio: ela pode ser muitas coisas. Ou melhor, ela pode ser defendida em diferentes perspectivas teóricas.

Educação como uma arte.

Educação como um conjunto de técnicas.

Educação como Ensino.

Educação como um processo natural.

Educação como aculturação.

Alguma vez, provavelmente durante as aulas na graduação, eu ouvi que Educação queria dizer Pertencimento. Talvez, ali, este texto tenha dado mais um passo para ser escrito, mesmo sem eu saber. Não sei. O que sei é que, em várias medidas, eu concordo com isso. É, educar pode ser pertencer.

Para isso, a educação que trago aqui é a da bell hooks (2017), inspirada por Paulo Freire, aquela que opera como prática da liberdade. O que, em outras palavras, significa um

movimento que ocorre para além das fronteiras e que coloca todas as pessoas envolvidas em um lugar de responsabilidade e ação em conjunto. Qualquer uma envolvida pode aprender, sem restrições.

A autora diz sobre isso narrando suas experiências como professora e aluna. Eu procuro expandir essas possibilidades para além da sala de aula, encarando a educação desvinculada, necessariamente, de uma instituição escolar. Assim, o fazer comunidade pode significar uma prática de liberdade quando coloca todas as pessoas, de dentro ou fora dela, como sujeitos responsáveis, implicados na possibilidade de (se) educar. bell hooks já sinaliza isso quando anuncia a possibilidade de criação de *comunidades de aprendizagem* (2017, p. 204).

Pensando em uma pedagogia engajada, bell hooks nos coloca a sala de aula como um espaço que nunca é o mesmo. Por isso, a importância de se estar sempre no momento presente. E que essa dinamicidade quer dizer que ela é feita de pessoas, que pessoas mudam e são diferentes.

Outro aspecto que traz é que não existe uma única voz na sala de aula. Não é apenas a voz de uma professora ou de uma estudante que se movimenta como educadora, ali. Há multiplicidade, que deve ser valorizada e explorada na busca por um bem-estar. Bem-estar que não significa a ideia neoliberal de bem-estar social. Ao contrário, que quer dizer responsabilidades com o comum e construção de respeito e estima mútuos.

Nesse sentido, pertencer significa educação quando a conectamos às ideias de solidariedade, sensibilidade, respeito e autonomia que lhes são características.

Em *Pertencimento* (hooks, 2022), ela constrói um mapa em dezesseis capítulos da sua história pessoal, profissional e política para contar coisas sobre os lugares por onde passou, as pessoas que compartilharam com ela o espaço e também raça e luta antirracista, educação democrática, espiritualidade, amor, erotismo e autoestima. Todos os ensinamentos versam sobre como a educação é um território de criação de comunidades e de rompimento com as dominações colonial.

Tratarei desse livro na próxima Seção, por enquanto acredito ser importante me voltar outro livro: *Ensinando Comunidades* (hooks, 2021). Nele, bell hooks anuncia a importância das Universidades expandirem o cânone de conhecimento. Explica como os estudos feministas e negros significaram outras formas de pensar e de incluir mulheres e pessoas não-brancas nas instituições de ensino — e como que, trazendo essas pessoas para dentro, outras tantas

perspectivas foram produzidas, num processo que se retroalimenta.

Podemos perceber processo parecido no Brasil, quando olhamos para as duas décadas de ações afirmativas no formato de cotas raciais e também para os tantos anos de estudos de gênero e sexualidade. Lembro da minha época de graduação, quando não tínhamos nenhuma disciplina que tratasse especificamente dessas questões e, hoje, eu, enquanto professor, consigo oferecer disciplinas obrigatórias sobre o tema.

Trago essa parte da história recente para sentipensar, junto a bell hooks, que a produção de conhecimento ganha quando é realizada de forma plural — tanto em relação às identidades envolvidas, quanto e, talvez, principalmente, no quanto essas identidades podem significar novas epistemologias. Seja dentro ou fora das Universidades, elas criam sentidos, relações, elaboram sobre o mundo, inventam outros mundos. Um percurso que se faz, muitas vezes, de forma orgânica e espontânea.

Ainda sobre isso, bell hooks aponta a necessidade de que toda essa produção seja feita em uma dinâmica da esperança. Ou seja, que a Educação esteja a serviço da construção de conhecimentos que indiquem possibilidades de vida plena. Isso porque o desespero, criado pelo medo que as colonialidades promovem, é uma das maiores ameaças para a educação. “Quando o desespero prevalece, não conseguimos criar comunidades vitais de resistência” (hooks, 2021, p. 48).

na trilha

A pergunta que dá título a esse artigo — e se a Universidade fosse nossa? — foi a disparadora da atividade de extensão apelidada de “na trilha do pertencimento” ocorrida no ano de 2023 em uma Universidade pública no estado da Bahia. A atividade aconteceu no âmbito das atividades possíveis em um programa de extensão chamado “Conheça a UFOB [Universidade Federal do Oeste da Bahia]” que busca apresentar os espaços e fazeres Universitários à comunidade externa, em especial a estudantes da Educação Básica.

A trilha do pertencimento, no entanto, está vinculada originalmente a uma rede de projetos (os “na trilha”) iniciados em uma Universidade pública no estado de Minas Gerais. Esses projetos, todos de extensão, estão em curso desde o ano de 2022 e que têm atravessado a formação de professores e a comunicação entre Universidade e Educação Básica. Os seus nomes de origem foram “na trilha das abelhas” e “na trilha da biodiversidade”,

mas nos acostumamos a chamar esses projetos, em um grande guarda-chuva, de “na trilha”. Ele conta com uma equipe de cinco professoras (quatro mulheres e um homem) de ensino superior, e um horda de graduandas e graduandos dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas e de Pedagogia.

Pensado inicialmente como uma retomada dos espaços públicos (uma vez que vivíamos um afastamento nos anos de 2020 e 2021 provocado pelo distanciamento social em função da Covid 19), o “na trilha” foi ocupando outros lugares na política e na poética de quem participava. É parte dessas políticas e poéticas de natureza, educação e universidade que iremos trilhar nesse texto.

A trilha do pertencimento é um exemplo de possibilidade de trilha e teve como objetivo convidar as pessoas que estavam visitando a Universidade naquele momento a pensarem sobre seu envolvimento com aquele espaço (e outros) e o que as fariam se sentirem mais “em casa” — ou pertencentes. No dia de visita à Universidade, as pessoas foram distribuídas em grupos de aproximadamente 20 pessoas e cada trajeto durava 30 minutos.

Havia um caminho curto a ser percorrido onde as pessoas deveriam observar aquilo que mais chamava atenção na Universidade. Algumas relataram a ausência de árvores, outras falaram das pessoas que estavam ali, outras das pixações/grafites que ocupam o chão e as paredes, etc. Após uma conversa, continuávamos o trajeto até retornar ao ponto inicial onde era questionado: “e se a universidade fosse nossa, o que vocês colocariam aqui dentro pra deixar mais com a nossa cara?”. As respostas eram registradas pelas/os estudantes da Educação Básica com tinta e caneta em papelões distribuídos pelo chão.

Imagem 1: Registros a partir da provocação: “o que falta na Universidade pra ela ser nossa?”



Fonte: Dados do projeto (editada).

... a Universidade fosse...

A imagem daquilo que a Universidade poderia ser foi essa. Uma das tantas imagens possíveis. Um dos tantos possíveis para Educação e/com/a partir do Pertencimento. Sigo esse artigo com esses possíveis. Foco, escolha, recorte. O que esses possíveis me provocam a dizer sobre Educação e Pertencimento junto de bell hooks e autobiografias?

Todos acham que eu tenho o temperamento dessa minha bisavó, da qual não me lembro – ela tinha a língua afiada, ou pelo menos é o que dizem – e acreditam que eu herdei dela o jeito com as palavras. As famílias fazem isso. Elas traçam genealogias psíquicas que costumam negligenciar o óbvio (hooks, 2022, p. 175).

Imagem 2: Registro dos escritos “Perfis do Instagram/arrobas”



Fonte: Dados do projeto (editada).

Quando perguntadas por “o que falta na Universidade para ela ficar com a nossa cara?”, por vezes ouvi um sonoro “oxe, falta nós!”. Todos ríamos nesses momentos que se repetiram grupo após grupo, pessoas após pessoas. Ninguém quis se desenhar, ou escrever um simples “nós” no papelão. Quiseram, no entanto, registrar seus nomes e, de alguma forma, a imagem de seus corpos por meio de seus perfis na rede social Instagram — ou, como comumente chamamos, *seus arrobos*.

O que me fez pensar que Educação e Pertencimento envolve pessoas, seus corpos e seus nomes. A pergunta “E se a Universidade fosse nossa?” implica que ela ainda não é, que existe uma possibilidade de ser e que existe um nós. Quem é essa primeira pessoa que não está plenamente na Universidade, que está faltando pra Universidade ser nossa e que responde “oxe, falta nós!”?

Eu estou na Universidade. Eu estou? Individualmente, sim. Coletivamente, como um corpo-nós... estou? Qual corpo é esse que se registra num papelão para, enfim, entrar na Universidade? Falar de Educação e Pertencimento me parece, primordialmente, uma discussão sobre corpo. Ou sobre como nosso corpo foi apartado da mente-espírito pela Ciência que funda a Universidade Moderna.

Há uns anos, escrevi que “eu comecei a morrer quando eu tinha 7 anos de idade...”

(XXX, Referência Autoral). Fui sincero. Antes eu realmente não tinha conhecido a morte. Foi quando eu tinha 7 anos que meu avô Benedito morreu e eu, conhecendo a morte, comecei a morrer. Mas essa não foi a primeira morte que minha família enfrentou. Isso pode ser óbvio. O que quero dizer é que não foi a primeira morte que ela enfrentou depois que eu já havia nascido. Poucos anos (ou meses, não sei) antes da morte de meu avô, outro membro da família se foi. Mas não pela morte, pelo sumiço.

Tio Betinho era irmão caçula da minha mãe e filho do meu avô Benedito. Se lembro pouco do meu avô, nada lembro de tio Betinho. O que sei é que ele sumiu. E, seja por memória mesmo, ou por memória construída, sei que algumas pessoas saíram em sua busca e retornaram sem respostas.

O bairro que minha família sempre morou é litorâneo. Tem mar e era por onde as pessoas, antes da construção de uma Rodovia, se locomoviam para outros bairros e cidades. Isso foi bem antes de eu nascer. A Rodovia iniciou sua construção em 1969, em meio aos investimentos rodoviários da Ditadura Militar. Hoje é considerada uma das Rodovias com a vista mais bonita do país, em função das praias. No meu bairro, a rodovia era bem próxima à praia. Coisa de dois quarteirões. E se afastando do mar, a Mata Atlântica tomava conta. Quanto mais longe do mar, mais mata fechada. Quando eu tinha 7 anos e antes disso (anos ou meses, não sei) a mata era muito mais fechada que agora. Com o processo de urbanização e ocupação dos territórios, muito da mata foi perdida.

A busca pelo meu tio Betinho se deu dentro da mata. Homens, todos homens, incluso meu pai, adentraram na mata. Eu não adentrei. Eu não era homem ainda? E me tornei? Na mata, procuraram um homem sumido. Ou o corpo de um homem sumido.

Não encontraram.

Anos mais tarde (ou meses, eu não sei), lembro da minha mãe dizendo que meu avô faleceu por causa do sumiço do meu tio. Que ele já estava mal de saúde e o sumiço agravou seu estado. Acho que pode ser verdade. Também foi dito, algumas vezes, por pessoas diferentes, que eu parecia com tio Betinho. Que meu cabelo cacheado, minha boca e nariz largo e meu “jeito” era parecido com o do tio sumido.

Por algum tempo imaginei que isso podia querer dizer que Tio Betinho era gay também. Isso por que sempre quando me disseram que eu era parecido com alguém, era porque esse homem era gay. Mas, hoje já acho que não era o caso – uma vez que uma das explicações para

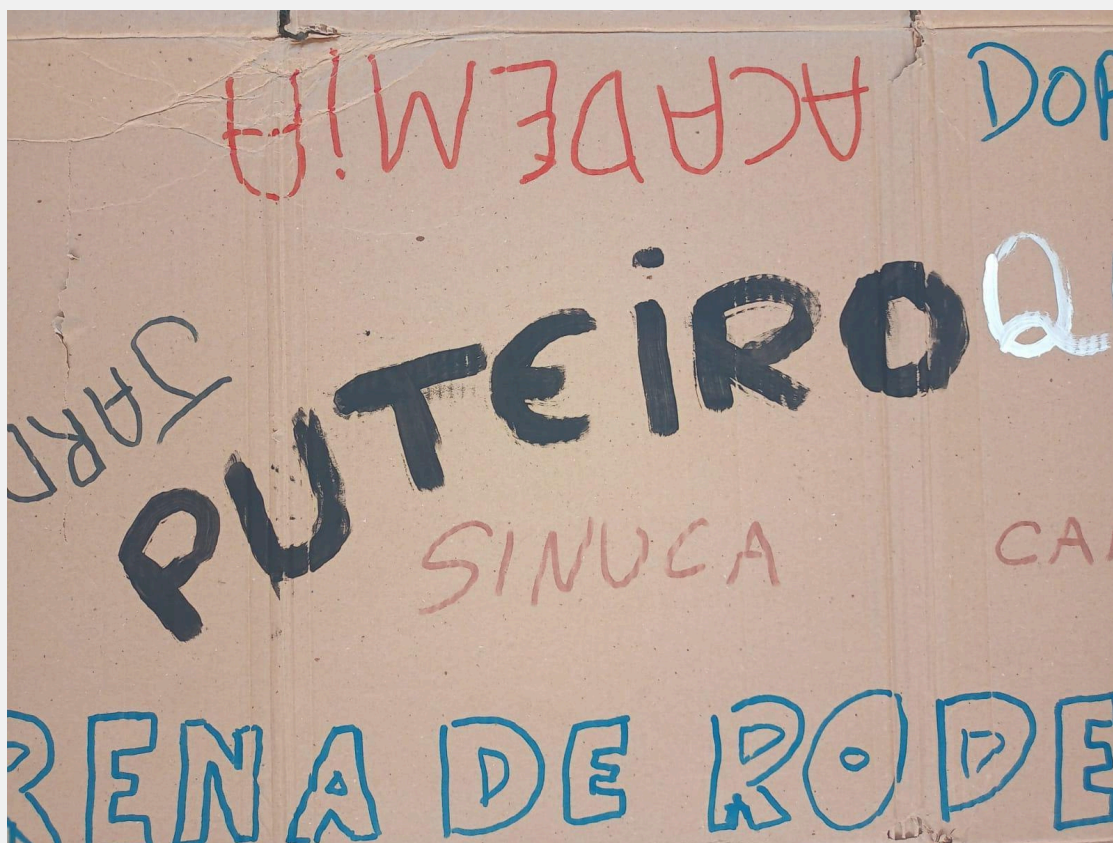
o sumiço do tio Betinho é que ele tinha se envolvido com a esposa de um homem.

A história ficou mais chata, pra mim. Seria mais divertido saber de um tio que se envolveu com o esposo de uma mulher. De qualquer forma, sempre ouvi também que ele era envolvido com “coisa errada”. Acho que isso quer dizer “drogas”.

Por que será que eu sou parecido com o Tio Betinho?

A varanda, um espaço intermediário entre a casa e o mundo das calçadas e das ruas, simbolizava um limite. Cruzá-lo abriria a possibilidade de mudanças. Mulheres e crianças na varanda podiam começar a interpretar o mundo exterior com um olhar diferente daquele aprendido em um lar patriarcal. A varanda não tinha dono; nem mesmo nosso pai podia conquistá-la. As varandas podiam ser abandonadas, mas não tomadas, ocupadas por um grupo em detrimento de outros (hooks, 2022, p. 183).

Imagem 3: Registro do escrito “Puteiro”



Fonte: Dados do projeto.

O que aquelas/es estudantes nos ensinam sobre pertencer à Universidade e sobre Educação é que nosso corpo vai junto quando estamos construindo conhecimento e (nos) forjando (n)aquele espaço. Falta um Puteiro na Universidade? Literalmente, eu acredito que

não. Há muitas discussões que poderíamos fazer (e que têm sido feitas de forma bastante competente por outras pesquisadoras) sobre prostituição, corpos, liberdade, feminismo e liberalismo. Não é o nosso foco.

Se literalmente não nos falta um puteiro na Universidade, conceitualmente é provável que sim. Isso porque podemos significar puteiro como aquilo que nos escapa da racionalidade; como um território outro que leva a produção de conhecimentos outros; como um canto marginalizado em que nos sentamos no chão da Universidade fala fazer as tantas coisas que ela poderia ser ainda; um lugar de gozo; uma fronteira feita de papelão e tinta; ou, simplesmente, uma varanda habitada por corpos.

Corpos que estão sendo olhados como “coisa errada”. Corpos aos quais nos parecemos. Que eu me pareço.

Há outra pessoa que já me disseram que eu era parecido: Federico García Lorca. Ele era gay, ao menos isso. Há alguns anos, eu ganhei um livro que tinha uma foto dele. Certo dia entrei numa sapataria com o livro na mão e a vendedora me perguntou se era eu ali na capa. Não sei se ela falou verdadeiramente ou só pra eu comprar o sapato. Sei que comprei e fiquei feliz pela comparação.

Lorca já tinha morrido quando eu nasci. Ele foi um poeta, dramaturgo e o que hoje poderíamos chamar de esquerdista – tenho certeza que na Espanha pré-fascista do início do século XX devia existir também uma expressão pra isso. Ele morreu em 1936. Em agosto.

Conheci Lorca quando eu tinha 16 anos em um livro chamado de “My Life as a Traitor” (Minha vida como traidora). Nele, conhecemos a história de Zarah Ghahramani (2007), a iraniana que teve seu corpo encarcerado por alguns meses por ser, bom, uma esquerdista.

Em um trecho do livro ela conta que uma das formas de tortura que sofreu foi ser deixada amarrada em um porão na prisão que estava detida. Em todos os dias e semanas anteriores a isso, ela era submetida a visitas de tortura. O seu corpo era encontrado diariamente e violentado. Mas, em um dia, simplesmente a amarraram e a “esqueceram”. No início, isso significou paz. Logo depois, desconfiança. Por fim, agonia e desespero. Lembro de ler o relato dela se questionando se a haviam deixado lá para morrer. Se ela havia sido descartada. Ela gritava, chorava, vomitava, se desesperava. E nada.

Um corpo esquecido. Um corpo sumido.

Zarah me apresentou dois poemas do Lorca. Mas, eu só lembro de um:

CANÇÃO DE GINETE

Córdoba.
Distante e só.
Égua negra, lua grande,
e azeitonas em seu alforje.
Embora saiba dos caminhos
eu nunca chegarei à Córdoba.
Pela planície, pelo vento,
égua negra, lua vermelha.
A morte está me olhando
lá das torres de Córdoba
Ai, que caminho tão longo!
Ai, minha égua valorosa!
Ai, que morte me espera
Antes de chegar à Córdoba.
Córdoba
Distante e só.
(Lorca, 2002, p. 295)

Ela explicava que *Córdoba* queria dizer felicidade e liberdade. As coisas caminhavam juntas. Felicidade-liberdade para um eu-Lorca. Felicidade-liberdade para Espanha. Como “*En attendant Godot*” (Esperando Godot), de Samuel Beckett (2017). Os dois corpos-palhaços esquecidos pela guerra que esperam-inventavam um Godot-paz-possível.

Puteiro pode querer dizer isso.

O que se conecta bastante a um aspecto da obra de bell hooks: a defesa de uma educação democrática. Ampliando a ideia de democracia que comumente nos vem à mente. Em linhas gerais: uma educação que busca romper com as colonialidades e dominações, prezando, como reforça a autora, a integração de todos os espaços e âmbitos da vida — evitando possíveis cisões entre espaços que seriam exclusivamente educativos e outros espaços que seriam os da “vida real”.

Aqui, se firma a diferenciação entre uma educação que é democrática e outra que é autoritária. Enquanto a primeira investe no diálogo, entendendo que aquilo que se professa deve ser o mesmo que se vive, que se experiencia, o segundo impõe regras, hierarquias e julgamentos. Enquanto a primeira investe na Diferença, a outra investe na forma única de pensar. O que não quer dizer afastamento, ao contrário. Como indica bell hooks: “ao criar uma comunidade de aprendizado que valorize o todo acima da divisão, da desassociação, da separação, o educador democrático empenha-se para criar proximidade” (hooks, 2021, p. 99).

E, então, voltamos à urgência do pertencimento e dos pontos de aproximação. Uma educação vai operar contra a dominação e pela democracia quando se movimenta nessas dimensões. Temos a possibilidade de operar nesse sentido quando inventamos ações de

reexistência que fortalecem a vida em seus aspectos mais práticos (como moradia, alimentação, mobilidade) e, também, quando produzem conhecimento que está a serviço do comum, da partilha, da troca de experiências.

Educação democrática investe na criação possíveis para todas. Possíveis que, inaugurando lugares comuns na sociedade, se posicionam contra os autoritarismos. Uma Universidade pode ser um lugar de pertencimento assim, como bell hooks explora, mas, também, outros tantos espaços: a rua, as associações, as organizações culturais, a família, as pesquisas.

Conta-se que Lorca morreu. Foi assassinato. Mas nunca acharam seu corpo. Mais um corpo sumido. Mais um corpo que me pareço.

Por que será que eu sou parecido com o Lorca?

Agora, depois dos cinquenta, voltei para o Kentucky, onde moram meus parentes idosos. Vejo as cercanias lindas da minha infância, os gramados podados, os maravilhosos jardins que fazem dos mais pobres casebres belos lugares transformados em zonas de guerra genocidas à medida que as drogas destroem o coração da comunidade. O vício não favorece as relações; ele nos leva para longe da nossa comunidade, do estímulo apropriado da mente, do corpo e do espírito. Para curar nosso corpo espírito coletivo, é necessário reivindicar o terreno sobre o qual vivemos (hooks, 2022, p. 88)

Imagem 4: Registro dos escritos “Piscina”



Fonte: Dados do projeto (editada).

Durante a pandemia de COVID-19 no ano de 2020, eu morei em uma casa sem piscina. Mas, em uma cidade que não fazia tanto calor. A Universidade (e cidade) sobre a qual escrevo agora é quente. Isso fica óbvio pela quantidade de vezes que Piscina apareceu naquilo que falta nesse espaço.

Durante a pandemia de COVID-19 no ano de 2020 eu não morava simplesmente em uma casa sem piscina, era algo mais parecido com uma “vila” de três casas, seis pessoas, duas gatas e uma horta. Durante todo aquele ano nos mantivemos juntas, atentas às medidas sanitárias, sobrevivendo ao fim do mundo e inventando motivos para estarmos vivas. Uma dessas invenções foram as rodas de escuta que fizemos online. Participavam da roda eu, uma amiga que morava comigo e três outras amigas (que não moravam conosco, por isso o online).

Esses momentos tinham uma metodologia que uma das pessoas aprendeu e quis replicar conosco. Se tratava de alguém trazer alguma questão-incômodo para compartilhar. As outras pessoas escutavam e respondiam apresentando uma imagem. A ideia não era responder ao problema, ou tentar representá-lo imagetivamente. A ideia era, simplesmente, tentar elaborar com imagens aquilo que a gente sentia ouvindo aquela questão-incômodo.

A cada semana, uma pessoa apresentava. Eu devo ter sido o segundo ou terceiro a apresentar algo. Não lembro exatamente o que levei, mas sei que tinha a ver com a minha pesquisa de doutorado. Minha tese foi sobre a criação de comunidades e, na época, eu estava sem saber o que fazer no meio de uma pandemia, como re-elaborar o que eu havia determinado.

Apresentei a questão-incômodo e imagens surgiram na elaboração das pessoas que me escutaram. Lembro-me de duas, apenas. A primeira, era uma pessoa de frente para uma grande onda. Não havia medo na expressão dessa pessoa, havia fascínio. O mar não representava perigo ali, mas uma tentação-tentativa de mergulho, de frescor, de aventura, de emoção.

A segunda imagem era de um menino com a cabeça muito grande. Uma cabeça dessas que vemos nos desenhos animados exagerados. Que só a ficção é capaz de criar. O menino com a cabeça de tamanho descomunal estava olhando pra baixo e descobrindo que tinha um corpo. Descobrindo que tinha mãos, braços, tronco, pernas, pés, joelhos, dobrinhas na barriga.

Quando ouvi essas imagens, comecei a entender porque eu era parecido com Tio Betinho ou com Lorca. Ou, ao menos, um dos motivos para isso. Se somos envolvidos com coisas erradas, homossexualidades e esquerdistas e isso nos aproxima, há algo mais.

Nossos corpos sumiram.

A questão do corpo sempre nos interessou. Muito nos utilizamos de Espinosa: “O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer” (Spinoza, 2015. p. 100), para questionar: o que pode um corpo?

Se eu fosse entrar no jogo de troca de palavras, hoje me perguntaria, “o que pode um corpo sumido?”.

Não é algo que chegaremos a uma resposta facilmente.

Mais facilmente, poderíamos nos perguntar “o que pode sumir com um corpo?”.

O corpo de Tio Betinho sumiu, muito provavelmente, em função de um crime por alguma briga de bairro. Seja por drogas, seja por adultério, seja por qualquer outra coisa que poderia ter sido resolvida de outras formas. Se eu não conheci a morte com o seu sumiço, ao menos conheci a violência, e o que a violência pode fazer com os corpos. Violência gratuita. Violência desproporcional à causa.

Alguma violência é proporcional?

O corpo de Lorca sumiu em função do fascismo. Lorca era gay e esquerdista. Não havia previsão de operar diferente com um corpo como esse em uma Espanha pré-fascista. É isso que o fascismo faz com corpos como esses: mata e some com eles. O sumiço é estratégico. Não é sempre que se quer pendurar as cabeças em estacas. O sumiço pode causar mais medo, mais desespero, mais esperança vã, mais reféns de notícias, mais angústia. O sumiço de um corpo serve pra nos lembrar que não estamos seguros. Nem mortos estaremos.

A violência do fascismo não é proporcional. Mas a ela, nos acostumamos. A ela conseguimos dizer: “é, num país fascista é assim mesmo”.

Não vivemos no fascismo. Não, né? Mas, ainda nos acostumamos aos sumiços dos corpos.

Renata Limas Aspis (2021) conta em seu livro “Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa” o incidente da bailarina. Conta que, durante uma

apresentação de trabalho de um evento acadêmico de filosofia e educação, uma bailarina gritou enfurecida: “E o corpo? Vocês ficam aí sentados falando coisas ‘maravilhosas’... E o corpo?” (Aspis, 2021, p. 28). Renata comenta sobre isso no livro: “Aquela bailarina, enlouquecida com nossos corpos inexistentes, foi a primeira gota d’água dentro do olho, como navalha. Sempre há de ter essa primeira, depois virão outras, até a coisa toda transbordar” (Aspis, 2021, p. 29).

Sinto que a gota d’água dentro do olho poderia ser das piscinas inexistentes naquela Universidade. Reivindicar a Universidade para construir uma piscina pode significar reivindicar a Universidade como um espaço-tempo para ficar à toa. Porque, necessariamente, não estamos tratando de um curso de Natação ou de graduação em Educação Física quando falamos de piscina aqui. Estamos tratando de calor, de lazer, de corpos que querem estar sem necessariamente elaborar racionalmente. Piscinas inexistentes, para corpos inexistentes. Puteiro inexistente, para corpos inexistentes.

Mas, ora, corpos inexistentes não são corpos sumidos. Inexistentes não existem. Sumidos existem, mas estão subtraídos. Seja pelo outro, seja por nós mesmos. Subtraídos por uma *coisa*. Nós somos capazes de sumir com nossos próprios corpos? Ou é sempre agência do outro? Que Outro?

Há uns anos, escrevi: eu não costumo reivindicar o posto de pesquisador das ciências. Não. Eu não costumo reivindicar o posto de pesquisador das ciências desde que entrei naquela aula de Morfologia Externa de Fanerógamas e depois saí daquela de Anatomia Animal Comparada fedendo a formol e com estômago embrulhado. Eu esfreguei meu corpo por três dias pra sair aquele cheiro. E não saiu. Esfreguei mais. Não saiu. Foi só quando percebi que ainda estava de jaleco. Eu nunca podia tirar o jaleco. Branco. Asséptico. Igual. O jaleco não saía. O cheiro também não. Acho que mesmo hoje, anos depois, se eu fecho os olhos, consigo sentir. Sim, um cheiro de morte, do Instituto de Veterinária que mais parecia matadouro. Os corredores, as salas, os slides de fundo azul, os bonecos de jaleco. Eu consigo ver direitinho e sentir o cheiro. É eu não costumo reivindicar esse posto. Até estranho. Recebo e-mails, olho com desconfiança, observo os lados, busco câmeras escondidas, recuo igualzinho animal exposto. Fecho a mensagem. Marco uma estrela. Fecho o site. Fecho o computador. Ufa. Quase voltou. Depois respondo. Educadamente. Educadamente até demais. Tenho medo de ser pessoal demais. Com cores demais. Dando voltas demais. Respondo. Mas

com medo que meu corpo apareça demais, que me confundam com um artista, por que quem procuram é um pesquisador das ciências.

Quando o fiz, não conhecia o livro de Eduardo Miranda (2020), “Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência”, mas foi nele que encontrei muitos ecos para meus incômodos. Ou melhor: para os incômodos de um corpo sumido pela Educação não pertencida. Eduardo diz isso explicitamente:

Ser um corpo moldado pelo sistema e legitimado pela academia produtivista significa ter tolhida a possibilidade de viver o corpo-território por completo. Sem dúvidas, as exigências da racionalização impõem aos nossos corpos abandonar desde muito cedo a nossa criança, o nosso olfato, a nossa sensibilidade de se emocionar no encontro com o outro, o toque, a visão aguçada, por fim, o nosso espírito (Miranda, 2020, p. 51).

Toler as possibilidades quer dizer, em outras palavras, dar sumiço aos nossos corpos. Mas, acompanhando Renata Lima Aspis, encontrar-inventar o corpo não se trata necessariamente de não pensar. Não se trata de abandonar a racionalidade. Se trata de acionar-construir outras possibilidades de racionalidade. Renata se interessa pela filosofia, o que não quer dizer que ela não trata de Ciência. Ao contrário. A Ciência Moderna, em sua estrutura filosófica, nos fez acostumar ao sumiço dos corpos. Isso não é fascismo. Não mais – se é que um dia foi (e isso pode ser questionado). Mas, de qualquer modo, nos faz acostumar isso.

Se embrenhar na mata para procurar um corpo e, quem sabe, encontrá-lo num corpo-território pode querer dizer pensar de outra maneira. Acho que Tio Betinho fez isso. É um possível. Sei que Lorca o fez. Sei, ainda, que estudantes da Educação Básica o fizeram quando colocaram um grandioso “oxe, falta nós” em um pedaço de papelão.

Será que é por isso que eu sou parecido com o Tio Betinho, Lorca e estudantes?

Tem um samba de João Bosco e Aldir Blanc que canta: “tá lá o corpo estendido no chão, em vez de rosto uma foto de um gol, em vez de reza uma praga de alguém, e um silêncio servindo de amém” (Bosco e Blanc, 1975).

Desconfio que o corpo sumido do Tio Betinho tem a ver com o corpo estendido no chão. Desconfio que o corpo sumido de Lorca é o que se estende no chão. Desconfio que o meu corpo sumido no meio de uma cabeça gigante é que restou dos investimentos de uma Ciência de jaleco. Desconfio que o corpo que olha o mar com fascínio é o mesmo que se mistura com o chão e aí perna, coxa, pau e buceta, barriga e peito e pulmão e garganta e braço e cabelo, se

confunde com brita e pó e poeira de asfalto e marca de pneu.

Desconfio que o fio se estende pela Universidade e cada nó, cada laço, cada amarração, cada volta no poste da encruzilhada é um pequeno alarme nos nossos cochilos de liberdade, uma forma de nos rastejar pelo tempo-cidade-pessoas. Não nos perdemos.

Desconfio de que o medo nos leva a sumir com os corpos. Desconfio do medo do pensamento. Desconfio de quem não aceita tintas. Desconfio dos corpos que não se estendem no chão, que não se misturam, que não se confundem com pedras e blocos de paralelepípedos irregulares, que não pegam em tintas pra rabiscar seus perfis em um papelão. Que somem. Desconfio dos corpos que nunca gritaram “oh motorista, vai descer!” enquanto puxa o fio pra sair e mesmo assim nos forçam a ficar.

Minha mãe sempre me disse que eu era desconfiado, “igual teu tio Betinho”. Minha mãe que sempre chora quando eu saio de casa. Talvez ela ache que eu me envolvo com coisa errada. Talvez ela me ache parecido demais com Lorca. Talvez ela não enxergue mais meu corpo. Logo eu, todo enrolado em fio. Que só faço mesmo desconfiar e me entender e me deitar e pedir por tinta e... *ta lá o corpo estendido no chão, em vez de rosto uma foto de um gol, em vez de reza uma praga de alguém, e um silêncio servindo de amém.*

... nossa?

Tem uma expressão em uma das cidades que morei que é “depois cê volta mais”. Em comércio e serviços no geral, ao se despedir, o cliente ou usuário do serviço ouve isso. Desde que eu cheguei naquela cidade, percebi que é muito comum de se falar assim. Em padaria, em papelaria, em piscinas, em putaria. E também em locais que não começam com *p*.

P... de... Pertencimento. “Depois cê volta mais” pode querer dizer isso: pertencimento.

Certo dia fui descer do ônibus e o motorista falou isso também. Eu sempre peguei ônibus e sempre, todo dia, voltei, tive que voltar. Mas nunca tinham pedido assim: “depois cê volta mais”. Fiquei imaginando: e se não volto?, o ônibus sente falta?

O que se inventa se eu não volto? O que brota do vazio do espaço que fica quando não puxo o fio pra descer? O fio inventa movimento voluntário, se puxa, arrebenta e...? Será que é isso? Pertencimento?

Durante a trilha do pertencimento não falamos de bell hooks, de sua vida, ou de sua

obra. Aqui, nesse texto, também a cito pouco. Mas, o que aprendi com seu Pertencimento (hooks, 2022) foi que a produção de conhecimento em Educação precisa mais que passar por esse conceito, precisa operar com ele. Em paralelo, reconheço a necessidade de, mais que falar sobre bell hooks, operar como bell hooks.

Isso significa, entre tantas coisas, um investimento em epistemologias outras, conexões outras, teorias outras. Essa escrita outra foi a tentativa de registrar isso: o que aprendi sobre Educação em um pedaço de papelão no chão da Universidade pública. Gosto de imaginar que, se bell hooks estivesse entre aquelas pessoas ali na Universidade, ela faria o mesmo.

Quando aquela atividade de extensão se encerrou ao final de dois dias, depois de conhecer uma centena de estudantes, eu fiquei com isso na cabeça, que deveria ter falado algo. Talvez esse texto seja, no final das contas, uma forma de falar isso.

“Depois cês voltam mais”.

Referências

ANZALDÚA, Glória. **A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha. 2021.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Tomas Tadeu, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2015.

ASPIS, Renata Lima. **Fazer filosofia com o corpo na rua: Experimentações em pesquisa**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

BECKETT, Samuel. **Esperando Godot**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

BOSCO, João; BLANC, Aldir. De frente pro crime. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1975.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=UNZYjt21daw&ab_channel=JoaoBoscoVEVO. Acesso em: 28 abr. 2024.

GHAHRAMANI, Zarah. **Minha vida como traidora**. São Paulo: Ediouro. 2007.

HOMEM, Pedra. **pedra homem. profeflor. cabra fêmea...** - o diário escolar do corpo performativo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2018.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2017.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante,

2021.

hooks, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

LORCA, Federico García. **Obra poética completa**. Tradução de William Angel Angel de Mello. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MIRANDA, Eduardo. **O Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: Edufba, 2020.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Editora Cobogó, 2021.